

Cartas à mocidade

III

Queres ser um homem livre?

«No principio era a acção»

Goethe

Sei que algures existe a alma ou as almas, às quais eu me dirijo. E em verdade, uma que fosse apenas a escutar-me, e sentir-me hia compensado. Um enternecimento profundo me toma, sentindo que me reparto por vós outros. Uma alegria me exalta pensando que as minhas palavras podem conter a faísca que vos incendeie. Eu vos advinho e amo, almas simples e puras que me escutais.

Amigos, hoje vos hei de falar da máxima expressão da vida forte — a liberdade. Os homens ou os povos são tanto mais poderosos quanto mais alto mantêm a sua independencia moral ou política. E em rigor a perfeição duma sociedade pode avaliar-se apenas pelo seu conceito de liberdade. A mesma história do homem e da civilização é no fundo a história da liberdade. Tanto no individuo, como na humanidade, esse conceito evoluciona. O homem começou e começa por obedecer às forças hereditárias da animalidade, aos impulsos do meio, às excitações externas. Mas exercendo a sua actividade por movimentos reflexos já nessa reacção se afirma uma vaga consciencia. O primeiro esforço de síntese e unidade mental faz-se sob o impulso do egoísmo e do instinto de defesa. Logo, num seguinte estadio da sua evolução a consciencia reflecte e procura separar o que é próprio do que é alheio. O homem ensaia a liberdade tentando vencer os impulsos hereditários e exteriores. Aparece a individualidade. Finalmente o homem victorioso de si e do exterior realisa a liberdade perfeita, atinge o estado de graça e, como um S. Francisco de Assis, funde-se na consciencia universal.

Mas esse conceito varia não só com o tempo mas com o espaço. Assim, os ingleses, como em geral os homens do norte, aos quais a natureza e o clima impõem uma vida intensamente enzimizada e cuja religião assenta sobre a consciencia

individual, criaram um ideal individualista da liberdade. Ser livre, para elles, é bastar-se e governar-se a si mesmo, independentemente da sociedade. O homem mais só é o mais livre, dirá Ibsen. Por essa mesma razão, o conceito do patriotismo inglês não está fundamentalmente ligado à ideia da terra natal.

Ao contrário, para o francês, e em geral para os latinos, aos quais a natureza favorece uma intensa vida exterior, quasi todos educados numa religião de carácter solidarista, à ideia de liberdade junta-se sempre a de sociedade. Para nós outros ser livre é essencialmente ser solidário e fraternal. E um filósofo francês poudé dizer que o acto mais livre é aquêl que mais nos prende a outrem. Mas no fundo destes conceitos, quer o homem livre realise a vida plena em si e para si ou para e pelos outros, a liberdade máxima implica sempre a máxima disciplina. É claro procuramos aqui definir tendências ideais, que não se excluem mutuamente. A mesma liberdade inglesa implica em nome do individuo, e por esse mesmo motivo, uma forte disciplina de carácter social. É ainda e sempre o seu egoísmo individual que impõe à sociedade a sua conservadora estabilidade e coesão. Ao contrário, entre os latinos, onde o conceito de liberdade envolve a ideia de sociedade, o individuo julga-se com maiores direitos a reagir contra ela em nome das suas ideias sociais.

Se o conceito latino é mais perfeito, pois a liberdade ideal seria a que permitisse à consciencia erguer-se à unidade universal, em comparação sugeita mais facilmente a sociedade às anomalias individuais.

Eis o primeiro perigo de ordem genérica contra o qual te quero prevenir.

Mas talvez em nenhures, como em Portugal, se torna necessário definir o que verdadeiramente seja

liberdade. Num país, onde pululam os abúlicos, os impulsivos, os sentimentalistas e os agitados, mais facilmente se concebe a liberdade como um direito a desprender-se de toda a sugeição e disciplina. O suposto homem livre julga-se, mais que no direito, no dever de ser em tudo e por tudo um revoltado.

Por certo a disciplina e a ordem que a sociedade impõe é muitas vezes injusta, absurda e revoltante. Mas só há o direito de atentar contra ela em nome duma ordem e disciplina mais perfeitas.

E quem são tantas vezes êsses homens que em Portugal se julgam no direito de perturbar a sociedade? Haverão êles atingido e realizado o mais alto estadio da liberdade? Terá ao menos cada um dêles uma larga obra, concepção do espírito, ou sequer uma vida em que a liberdade se afirme pelo domínio de si mesmo, a disciplina da vontade e a generosidade do esforço? Trazem êles consigo uma elevada idea de sociedade, claramente definida e pronta a realizar-se?

Não. A maior parte das vezes aproximam-se do homem primitivo, fraco de vontade, impulsivo, incoherente, revelando em tudo um caracter sem equilibrio e sem unidade. Neles a liberdade é ainda e apenas aquela primária reacção às influencias exteriores, de que acima falamos. Deles se pode dizer o que Lubbock disse dos homens primitivos: que são crianças com as paixões dos homens.

Longe do esforço e da reflexão, que condicionam a verdadeira liberdade, julgam-na, todavia, tanto na esfera moral como na politica, um dom graciosamente concedido, já pelas leis da Natureza, já pela constituição do Estado.

Nenhuma ilusão mais falsa e perigosa do que esta.

Antes de mais nada, o homem, limitado em tudo pela necessidade, nunca pode atingir a liberdade absoluta. A liberdade de realização é apenas um ideal e se tu queres atingir o homem possível que há em ti, terás que lutar constantemente para o alcançar. E, sempre que atinjas alguma liberdade de carácter íntimo ou exterior, haverás, para mantê-la, que a defender constantemente. Se fores uma ou outra vez vencido, não desanimes. Só o tempo auxilia as conquistas e libertações supremas.

A liberdade é uma vitória continua sobre ti mesmo e sobre as fatalidades e as forças da natureza. Os piores inimigos da tua liberdade não os procures à tua volta, porque habitam dentro de ti. Enquanto não conheceres e dominares êsses inimigos, nunca serás um homem livre. Os tibios, os impulsivos e desordenados, por mais que o não julguem ou confessem, serão sempre verdadeiros

escravos. Só o trabalho, a perseverança, o método, o domínio de si mesmo dão a liberdade.

Nem creias que essa magnífica vitória a obtenhas depressa e facilmente. Ergue-te a cada queda. Persevera sempre. Medita nesta verdade de ordem scientifica, enunciada por Huxley: «Uma acção pôde exigir toda a nossa atenção e força de vontade, quando a executamos pela primeira, a segunda ou a terceira vez; mas, se for muitas vezes repetida, acabará, por assim dizer, por fazer parte da nossa organização e realizar-se sem a intervenção da vontade, sem que mesmo tomemos disso consciência.» O hábito acaba por dar às realizações, que a princípio são dolorosas, a facilidade dos actos reflexos. A cada novo esforço serás melhor e mais forte.

O que se diz dos homens pôde aplicar-se aos povos. E aí tens a razão íntima de tantas loucuras e tiranias, que em Portugal se tem praticado em nome da liberdade. Assim tambem a salvação portugueza não está no auxilio do estrangeiro ou na exploração das colónias. O que ameaça e perverte a liberdade em Portugal é o velho sestro parasitário que degradou todas as virtudes da grei até às ultimas aberrações.

Se te queres salvar a ti e auxiliar a salvação do teu país natal, sê livre e gera a liberdade, pelo esforço productivo e organizado. Só o trabalho dá a disciplina aos homens e aos povos.

E se eu te não aconselho um ideal individualista de liberdade, à inglesa, porque reflecte sobre o conceito de sociedade os vícios do seu egoismo originário, previno-te contra os excessos do ideal societário, que levam tantas vezes os que pregam a liberdade a cometer em nome da comunidade os actos do mais feroz e cego individualismo.

Quere isto dizer que te aconselhe a sujeição incondicional aos estatutos vulgares da sociedade em que vives? Não. Quando te prego êste conceito de liberdade é para que possas ser, de verdade, um elemento de libertação e de progresso. A mais alta liberdade é uma aspiração e realização de character universal. Mas só attingem êsse supremo grau da consciência livre os homens e os povos que se esforçam, perseveram e organizam.

Modelai-vos primeiro, se quereis modelar depois a sociedade. Sêde livres, se quereis libertar os outros. Um acto implica o outro. A mais livre e perfeita individualidade será a que atinja a maior e mais generosa universalidade. Assim, ao findar da minha carta, na alegria dêste pequeno esforço, tomo melhor posse de mim mesmo, sentindo que me reparto por vós outros.

JAIME CORTESÃO.